

O parecer do júri

## ASCÂNIO MMM

O escultor português Ascânio MMM foi o único a apresentar três projetos diferentes para o concurso "Uma Escultura para o mar de Angra". A primeira escultura, em aço inoxidável, seria fixada no fundo do mar e é baseada em outra obra sua de 1974. A segunda, flutuante, seria um móbile, com fixação inversa, preso ao fundo do mar através de um cabo de aço. O terceiro projeto é também de escultura de aço inoxidável - esta sem previsão de manutenção - que teria como característica principal a incorporação da craca e sua integração ao "habitat" marinho.

Ascânio tem 47 anos e já foi várias vezes premiado em importantes mostras nacionais. Radicado no Rio de Janeiro, também já marcou presença em mostras internacionais de destaque, como a Bienal de Escultura ao Ar Livre na Antuérpia (Bélgica).

Na definição das propostas estéticas dos três trabalhos, Ascânio MMM afirma - em relação ao primeiro - que "devido ao metal, às estrias vazadas e à luminosidade marinha, será uma peça de grandes efeitos visuais". Quanto ao móbile, explica que "devido à vagarosa movimentação das águas no fundo do mar, as formas fariam movimentos circulares mudando constantemente de posição". Em relação à terceira escultura, diz que "o arco - em torno de 190 cm de altura - e a craca, que irá se incorporando com o tempo, formarão uma espécie de caverna, uma escultura-arquitetura habitável, refúgio dos peixes e freqüentada por mergulhadores, sugerindo um grande búzio".

## ABRAHAM PALATNIK

Abraham Palatnik, 60 anos, premiado na I Bienal de São Paulo, é um dos pioneiros mundiais da arte cinética. Para o concurso "Uma escultura para o mar de Angra" criou a obra "Cracol", com sentido geometricamente espiral e dotada de túneis, de forma a ocasionar, na definição do artista, o "encontro flutuante" do mergulhador com a escultura, seguindo-se o "percurso simples (sugerido pelas próprias formas) ao redor, no centro e no interior da escultura, proporcionando ao mergulhador a possibilidade de extrair desse encontro uma vivência ao mesmo tempo sensorial e lúdica".

A escultura criada por Palatnik mediria 6,3 metros na face externa e 2,7m na face interna e sua forma corresponde a um caracol geometrizado. O nome "Cracol" é uma associação entre a forma e a craca que ficaria incrustada na obra. "Cracol" seria construída com chapas navais e pintada em branco com tinta adequada para estruturas subaquáticas.

Abraham Palatnik, cujas obras já foram exibidas também na Bienal de Veneza e na exposição "Modernidade - Arte Brasileira do século XX", realizada recentemente no Museu de Arte Moderna de Paris, acredita que a escultura submarina não deve ser simplesmente um objeto "mergulhado". "A razão de ser dessa escultura é justamente estar submersa, e fora desse contexto ela não se realizará prática e esteticamente", afirma. Essa integração com o meio e com o visitante (mergulhador) é um conceito fundamental em "Cracol".

## TUNGA

O pernambucano Tunga, um dos grandes destaques da última Bienal de São Paulo, apresentou um projeto carregado de simbolismos e dimensão poética. São três enormes cadinhos em posições diferentes, dos quais saem fios metálicos em profusão. "Tal 'liquido', qual vastas mechas, três grandes e onduladas mechas, como no mar os sargaços, se embaraçam, se estendem longamente, e logo (como cabeleira) formam uma trança. E como trança, qual serpente, submergem nas areias do fundo do mar", define Tunga.

Mas a imaginação de Tunga, que já expôs coletivamente no Canadá, na Itália e nos Estados Unidos, não parou aí. Dentro de cada cadinho há uma pequena ânfora "preche de segredos", de onde sai um fio especial. As ânforas (e fios) são, respectivamente, de cobre, prata e chumbo. Os outros fios são de latão fundido e a obra toda fica dentro de uma caixa de concreto armado. Tunga, que, aos 36 anos, também já participou da Bienal de Veneza e da Mostra "Modernidade - Arte Brasileira do século XX", define assim os mistérios ocultos em sua obra:

"Esses finíssimos capilares emaranhados aos robustos fios especiais e à trança estarão lá, não completamente visíveis, não totalmente invisíveis. Todavia, estarão lá e cada um de nós sabe de sua existência.

Aos poucos, um dia, sem que ninguém se dê conta talvez...

Talvez pela fé popular

Talvez pela magia do Dia de Reis

Talvez pelo efeito eletrolítico ou pela poética no oceano, uma estranha força os faça diminutos cadinhos plúmbeos, grandes ânforas a verter fios de cabelos em tranças de ouro. Sentiremos então a mirra em combustão e do incenso o perfume no mar de Angra de ouro de mirra de incenso dos Reis."

## JOSÉ RESENDE

A obra vencedora do concurso "Uma escultura para o mar de Angra" é de autoria do Paulista José Resende, de 43 anos. Sua proposta é construir uma superfície formada por 5.625 bolas de vidro ocas, preenchida parcialmente com areia branca e fixadas entre si através de cabos de aço revestidos de poliuretano (específicos para utilização no mar), que servem de anteparo para que não haja contato entre eles.

Trata-se de uma construção modulada, uma malha ligeiramente flexível, cujos movimentos serão disciplinados por tirantes presos no fundo. Naturalmente, os efeitos visuais para quem observa de perto ou de longe serão completamente diferentes, aguçando a curiosidade dos mergulhadores. De acordo com o artista, o material foi escolhido não só pelo seu excepcional poder de refletir a luz, como pelo fato de que, com o aspecto fosco que o tempo lhe imporá, ficará semelhante à superfície das pérolas.

As bolas de vidro, lacradas a fogo, terão em seu interior uma bolha de ar rarefeito, quase vácuo. José Resende, premiado na Bienal de Escultura ao Ar Livre de Hakone, Japão e ex-bolsista da Fundação Guggenheim (Nova York), explica que dessa forma, variando a quantidade de areia, pode-se escolher a profundidade em que ela deverá ficar. As bolas terão 19 cm de diâmetro e a composição fluturará à meia-profundidade.

## CARLOS FAJARDO

Carlos Fajardo define seu projeto como um "lugar construído", situado conceitualmente entre a Arquitetura e a Escultura. A obra constitui-se de um quadrado de 16X16 metros, sustentado por quatro pilares contruídos com chapas de ferro, vazado em sua parte central por outro quadrado de 8X8, que se abre para a área interna da construção, de cerca de 250 m<sup>2</sup> no total.

Segundo o artista, a forma seria semelhante a uma grande praça submersa "que, pela sua estrutura, coloca o espectador numa condição de vazio espacial. Ao mesmo tempo, forma na superfície do mar uma grande mancha de cor (vermelha), que poderá ser observada de longas distâncias". De acordo com sua concepção, a obra causaria grande estranhamento estético, mas se agregaria ao ecossistema, com o depósito de sedimentos e moluscos.

O plano superior, paralelo à linha da água, ficaria a apenas três metros da superfície, facilitando, por assim dizer a visitação. De acordo com o projeto, a profundidades dos pilares seria de 8m e a altura da escultura propriamente dita de 5m.

Carlos Fajardo é paulista, tem 47 anos e foi, junto com José Resende, um dos fundadores da Escola Brasil. Já participou das Bienais de São Paulo e Veneza, além de diversas exposições importantes no Brasil.